

## **Fronteiras e trocas Culturais: os primeiros contatos entre os Colonizadores Portugueses e os povos nativos da América no Século XVI**

Gisele Cristina da Conceição<sup>1</sup>

Resumo: Quando os colonizadores europeus chegaram às terras que mais tarde ficaram conhecidas como Brasil, ainda no século XVI, ultrapassaram a fronteira física de um continente, mas também, a fronteira cultural, pois entraram em contato com os povos nativos da costa da América, sua cultura e costumes. A historiografia sobre o tema, de modo geral, abordou até agora uma perspectiva de análise sobre as mudanças ocorridas nas tradições e no cotidiano dos povos indígenas quando entraram em contato com os europeus e sua cultura, porém, é interessante pensarmos que o oposto também ocorreu, trocas culturais podem ter acontecido entre ambas às partes, fossem elas voluntárias ou não. Houve uma mudança significativa na cultura dos indígenas, porém, a cultura do europeu ibérico foi modificada ao contato com a cultura do autóctone, uma vez que se utilizaram dos meios de caça e pesca daquele nativo para, em um primeiro momento, encontrar meios de obter fontes de proteína e gordura animal. Os colonizadores lusos encontraram na Colônia consideráveis dificuldades físicas e técnicas, tais obstáculos, fossem eles geográficos ou ambientais, não podiam, na maioria das vezes, ser contornados ou simplesmente ignorados. Neste ponto, com uma análise detida sobre as dificuldades iniciais encontradas pelos europeus, podemos notar que o contato com os povos nativos foi importante para auxiliar aqueles exploradores na busca por meios para se fixar na costa da América. Quando analisamos o processo colonizatório da América Portuguesa ainda no século XVI, podemos perceber, a partir dos relatos de viajantes e dos primeiros colonizadores, que em um primeiro momento aqueles europeus lusos encontraram obstáculos referentes à obtenção de alimentos, adaptação ao clima e a premente necessidade de adaptar-se a uma nova dieta alimentar. O ato de se alimentar, tão primordial à sobrevivência humana, tornou-se naquele primeiro momento, um imperativo, pois, associado ao considerável gasto calórico imposto àqueles colonizadores, havia o fato de que o alimento trazido da Europa, ou estava se esgotando ou não tinha mais condições de ser consumido. Neste sentido, o contato com os indígenas pode ser considerado como de grande importância no que se refere à obtenção de conhecimentos acerca das técnicas de caça e coleta. Portanto, neste trabalho, pretendemos abordar as questões relacionadas às possíveis dificuldades encontradas pelos primeiros colonizadores referentes à alimentação. Para isso, faremos uma análise dos processos de reconhecimento e acumulação de conhecimento desses europeus no Novo Mundo, a partir das observações destes sobre a cultura dos indígenas americanos.

Palavras-chave: Cultura, Alimentação, Colonização, Novo Mundo, Indígenas.

## Introdução

A partir do início do século XV se deu a aceleração do processo da expansão marítima europeia. Esta empreitada foi levada a cabo, sobretudo, pelos europeus ibéricos, que se lançaram rumo ao mar, então desconhecido, em busca de novas terras para colonizar e especiarias para comercializar. Em meados do século XVI, por obra dos esforços expansionistas de Portugueses e Espanhóis (COSTA, 1980), o *descobrimento* do Novo Mundo já se configurava enquanto um conjunto de colônias portuguesas e espanholas.

Quando os Portugueses aportaram, ainda no século XVI, nas terras que mais tarde ficaram conhecidas como Brasil, ultrapassaram a fronteira física de um continente, mas também, a fronteira cultural (BURKE, 2008), pois entraram em contato com os povos nativos da costa da América. A historiografia, de modo geral, abordou até agora uma perspectiva de análise sobre as mudanças ocorridas nas tradições e no cotidiano dos povos indígenas, quando entraram em contato com os europeus e sua cultura. Contudo, é de fato relevante pensarmos que o oposto também ocorreu, trocas culturais podem ter acontecido por ambas às partes, sejam elas voluntárias ou não. Houve uma mudança significativa na cultura dos indígenas, porém, a cultura do europeu luso foi modificada ao contato com a cultura indígena, uma vez que se utilizaram dos meios de caça e pesca daquele nativo para, em um primeiro momento, encontrar meios de se obter alimentos<sup>2</sup>.

O colonizador português encontrou na Colônia consideráveis dificuldades físicas e técnicas. Tais obstáculos, fossem eles geográficos ou ambientais, não podiam, na maioria das vezes, ser contornados ou simplesmente ignorados. Neste ponto, com uma análise detida sobre as dificuldades iniciais encontradas pelos europeus, podemos notar que o contato com os povos nativos foi importante para auxiliar aqueles exploradores na busca por meios para se fixar na costa da América.

Quando analisamos o processo colonizatório da América Portuguesa ainda no século XVI, podemos perceber, a partir dos relatos de viajantes e dos primeiros colonizadores que, em um primeiro momento, aqueles europeus lusos encontraram dificuldades no que se refere à obtenção de alimentos, adaptação ao clima e a uma nova dieta alimentar. Da maneira como é descrita e discutida em uma historiografia a qual, por vezes, não aborda a necessidade apresentada de maneira muito rápida ao colonizador como tão ou mais fundamental, que o sucesso mercantil da exploração de pau-brasil ou cultivo da cana-de-açúcar. A empreitada portuguesa em terras tropicais, de fato, apresentou aos europeus uma série de dificuldades que iam muito além dos fatores comerciais.

A própria alimentação, fundamental ao ser humano, era no Novo Mundo dificultada por uma série de fatores. Além do natural gasto calórico exigido pelas atividades diárias, haviam os problemas em relação ao abastecimento precário e a própria conservação do alimento trazido da Europa. Aqui vale à pena lembrar o óbvio, o clima nos trópicos é quente, e que os alimentos trazidos dentro dos navios não resistiram por muito tempo ao calor excessivo e alta umidade.

Quando nos propomos a estudar o processo expansionista que levou à conquista, ainda no século XVI, de vastos territórios na América pelos europeus, nos deparamos com uma série de problemas que, inicialmente, parecem ser apenas de ordem prática. Entretanto, ao submetermos tais fontes a uma análise mais detida, observamos que o estudo de tais práticas cotidianas, como o de conseguir alimentar-se, em muito contribui ao estudo da cultura e economia do Novo Mundo.

A floresta atlântica em nada, além do visual, se parecia com o paraíso inicialmente descrito (CASTRO, 1985) e tão pouco, a natureza pareceu aos europeus, tão provedora e acalentadora (FREIRE, 2006). A floresta apresentou-se sim como um desafio de grandes

proporções, no qual os modos de vida europeus, a preservação de seus costumes e sua própria sobrevivência, encontraram um importante obstáculo natural, os europeus não puderam, ou não conseguiram europeizar o Novo Mundo (CROSBY, 1993). A transposição dos costumes e hábitos daqueles colonizadores, principalmente aqueles referentes à alimentação, tiveram que ser modificados, mesmo que em um primeiro momento.

De fato, a diversidade de animais e plantas era grandiosa, e a terra muito fértil, contudo, não podemos esquecer que não era tarefa fácil encontrar e capturar um animal na densa Mata Atlântica. Pelo menos no caso das encostas litorâneas os indígenas se estabeleceram de maneira criteriosa, nas áreas nas quais fosse menos problemática a obtenção de grandes fontes de gordura e proteínas. Tais fontes encontravam-se, no período de estabelecimento dos primeiros europeus no continente americano, principalmente, nas áreas próximas a mangues, costões, restingas, deltas, lagoas e estuários.

Contando com a grande profusão de vida marinha e aves, muitas delas aquáticas, tais áreas constituíram os locais nos quais as dificuldades para enfrentar os desafios de se encontrar, cotidianamente, a ração diária de proteína e gordura animal necessária à sobrevivência no Novo Mundo, se revelaram menores aos povos vindos da Europa. Disponibilizando assim, de tempo para que pudessem desenvolver outras atividades que melhorassem suas condições de sobrevivência, possibilitando uma chance de se obter sucesso na empreitada de colonizar a terra recém-descoberta (DEAN, 1996).

Diante dos obstáculos iniciais referentes à adaptação dos animais trazidos nos navios, juntamente com a dificuldade de trazer e manter alimentos vindos da Europa, o mais urgente passou a ser então, aprender e apreender, de maneira rápida e eficiente, a utilizar todo o cabedal, já existente, de conhecimentos sobre o mundo natural da América Portuguesa que fosse possível. Um trabalho árduo, constante e pragmático foi desenvolvido no sentido de obter toda a informação disponível acerca daquele ecossistema. Nesta busca por meios para obter fontes proteicas e de gordura animal, destacou-se o papel dos indígenas, pois a observação de suas técnicas de caça e pesca, foi essencial para os exploradores no que se refere à possibilidade de obter alimentos, principalmente extraídos do mar.

Quando analisamos os processos de reconhecimento acerca do mundo natural na América Quinhentista, podemos perceber que o encontro entre o saber dos indígenas e o dos europeus, possibilitou uma possível troca de conhecimentos, numa zona de fronteira espacial e cultural, que os levou a trocas culturais (BURKE, 2008), permitindo àqueles colonizadores a formação de um saber novo em certos aspectos, e em grande medida híbrido, produto de trocas e permutas bilaterais, que os auxiliou na obtenção de alimentos. Neste sentido, o trabalho de catalogação das espécies encontradas no Novo Mundo se deu enquanto estratégia de sobrevivência, auxiliando não somente os primeiros colonizadores, mas também, os que vieram depois, uma vez que as descrições eram minuciosas. Fernão Cardim descreve que: *“Caramuru - Estes peixes são como as moreias de Portugal, de comprimento de dez, e quinze palmos; são muito gordos, e assados sabem a leitão; estes tem estranha dentadura (...); tem por todo o corpo muitos espinhos (...)”* (CARDIM, 1590).

A identificação de espécies de animais que pudessem ser caçados e pescados foi, provavelmente, uma das primeiras preocupações de todo e qualquer colonizador que aqui aportasse no século XVI. Tudo o que fosse possível ser consumido de forma imediata e segura era catalogado. Um bom exemplo desta técnica pode ser encontrado nas descrições dos peixes, fossem eles de água salgada ou doce.

“Maracugua é um peixe a que os portugueses chamam porco, porque roncam no mar como porco; são do tamanho e feição dos sargos, mas muito carnudos e tesos e de bom sabor, e têm grandes fígados e muito gordos e saborosos, e em todo o ano se toma este peixe a linha” (SOUSA, 1587).

Neste fragmento temos informações referentes ao gosto do peixe *“Maracugua”*, às técnicas de pesca relativas a esta espécie específica, mas, principalmente podemos notar que o

nome dado ao animal por Sousa é indígena, ou seja, o cronista e senhor de engenho considera o conhecimento do indígena para descrever e nomear a espécie, estabelecendo parâmetros comparativos entre o peixe encontrado no Novo Mundo com uma espécie conhecida na Europa (FOUCAULT, 2000) <sup>3</sup>.

Esta comparação demonstra a tentativa de encontrar na América animais e plantas similares às europeias, com gostos parecidos, e possíveis possibilidades de serem domesticadas. Tal estratégia era deliberada e laboriosa, evidenciando, portanto, o caráter metódico da colonização lusa, assim como a essencial busca por alimentos que pudesse lhes proporcionar a reposição calórica diária. Assim, todo o esforço expansionista dependia da capacidade dos primeiros colonizadores, de desenvolver técnicas que pudessem garantir uma fonte regular de proteínas e gordura animal à sua dieta alimentar cotidiana. Neste sentido fica clara a importância, de se conseguir reconhecer nas espécies encontradas na América, similares das europeias.

Neste ponto, o contato com os indígenas foi fundamental, pois, observando o procedimento de caça e coleta, no que se referem aos alimentos extraídos do mar e dos rios de água doce, os primeiros colonizadores lusos puderam eliminar algumas dificuldades iniciais, e adquirir novas técnicas e tecnologias para apresar e preparar tais alimentos, construindo no cotidiano da nova Colônia, novas práticas que pudessem auxiliá-los na sobrevivência diária, construindo então um novo saber (CERTEAU, 1998).

De maneira ampla, os europeus no século XVI tinham um conhecimento geral acerca do mundo natural, somado a algo como uma característica cultural, que pode também ser considerado como necessidade, ou derivado dela, de conhecer e classificar o mundo à sua volta. A partir disto, fez-se por vezes necessário criar nomenclaturas que não foram propriamente gerais para o mundo circundante (STRAUSS, 2007). Tais nomenclaturas estavam relacionadas, em grande parte, com o cotidiano, em consonância com o tempo e em relação ao espaço, que cercava aqueles homens do Século XVI, e que aportavam na costa da América Portuguesa em busca de uma nova colônia. Este processo de conhecer e classificar podem ser verificados, também, nos relatos de viajantes e dos primeiros colonizadores.

No processo classificatório dos europeus lusos, o nome dado pelos indígenas ao peixe vinha associado ao nome dado pelo europeu referente ao mesmo animal, ou então referente a um animal que tivesse características próximas aos que estavam sendo classificados na América quinhentista. Por exemplo, Gabriel Soares de Sousa, em uma passagem sobre peixes declarou: “*Cupás são uns peixes a que os portugueses chamam pescadas bicudas*” (SOUSA, 1587). Assim como neste fragmento, boa parte das classificações a respeito do que poderia vir a ser utilizado como alimento pelos europeus no Novo Mundo, seguiu o princípio da similaridade (FOUCAULT, 2000). Neste sentido, notamos a importância de se conseguir reconhecer nas espécies encontradas na América, similaridades. Assim, o contato com os indígenas foi fundamental, pois, observando suas técnicas de caça e de pesca, os portugueses puderam superar algumas dificuldades, e adquirir novas técnicas de obtenção de alimentos.

A partir da análise das descrições minuciosas de animais e plantas feitas pelos viajantes e colonizadores na América Portuguesa Quinhentista, nota-se a preocupação daqueles europeus com a alimentação diária, pois, a longo prazo, a alimentação baseada nos recursos originários do Novo Mundo revelou-se consideravelmente problemática (CROSBY, 1993). Diante de tais dificuldades, é possível considerar como sendo uma das estratégias de sobrevivência daqueles colonizadores lusos, a apropriação do conhecimento indígena. Em sentido duplo, o europeu se valeu da experiência indígena, reutilizando-a para assim, construir a partir dela um novo saber de caráter claramente híbrido. Tal conceito, se aplicado ao estudo da História dos primeiros estabelecimentos europeus no Novo Mundo, de certa forma,

caracteriza a formação de uma série de elementos da cultura colonial como sendo baseada na relação de trocas culturais entre os povos nativos e os colonizadores.

No que tange às questões referentes à obtenção de alimentos por aqueles colonizadores, o trabalho de catalogação de Gabriel Soares de Sousa pode ser considerado como um bom exemplo para análise das técnicas e das tecnologias desenvolvidas pelos europeus lusos na América Portuguesa Quinhentista. Sousa, em 1587, relata o modo com que os índios “Amoipiras” pescavam: “*Pesca este gentio com uns espinhos tortos que lhe servem de anzóis, com que matam muito peixe, e a flecha, para o que são mui certos, e para matarem muita caça*” (SOUSA, 1587). Fica clara aqui, a preocupação em obter todos os aspectos do saber indígena no que se refere à obtenção de alimentos, neste caso extraído do mar, denotando ainda o fato de estes colonizadores estarem em busca de meios para sobreviver naquele ambiente inóspito.

Mesmo com a abundância de animais marinhos, naquele momento, os exploradores não possuíam os meios necessários para obter tais alimentos, uma vez que seu conhecimento acerca do mundo natural da América ainda era incipiente. Diante deste obstáculo, tornou-se primordial obter através do conhecimento indígena, todo o cabedal possível no que se refere ao processamento, técnica e tecnologia referente, principalmente, a caça e coleta. Para tanto, era de igual importância, conhecer os possíveis perigos aos quais estavam submetidos. Nos relatos de Gabriel Soares de Sousa, notamos a preocupação em descrever animais que apresentavam algum tipo de perigo:

“A estes caranguejos da terra chamam os índios guoanhamu (...). Algumas vezes morreram pessoas de comerem este guaiamu, e dizem os índios que no tempo em que fazem mal comem uma fruta, a que chamam araticumpaná, de que já fizemos menção, a qual é peçonhenta” (SOUSA, 1587).

Mais uma vez, podemos notar que o conhecimento indígena foi importante para aqueles europeus auxiliando-os na própria sobrevivência. Sendo assim, todo o esforço expansionista dependia da capacidade dos primeiros colonizadores, de desenvolver técnicas que garantissem uma fonte regular de proteínas à sua dieta alimentar cotidiana. Para tanto, estabelecer contato com a cultura dos indígenas e buscar todo o conhecimento que fosse possível não apenas sobre os meios para se obter tais fontes de proteína e gordura animal, mas também, conhecimento acerca dos perigos que a densa Mata Atlântica poderia oferecer.

Outro fator de igual importância para se compreender os processos de trocas culturais entre europeus e índios da América, podem ser encontrados nas descrições dos costumes daqueles indígenas. Os índios Tupinambás, segundo Sousa,

“são também muito engenhosos para tomarem quanto lhes ensinam os brancos, como não for coisa de conta, nem de sentido, porque são para isso muito bárbaros; mas para carpinteiros de machado, serradores, oleiros, carreiros e para todos os ofícios de engenhos de açúcar, têm grande destino, para saberem logo estes ofícios” (SOUSA, 1587).

Neste sentido, podemos verificar que os processos de trocas culturais (BURKE, 2008) entre indígenas e europeus, aconteceram nos dois sentidos, pois logo ambos assimilaram o saber fazer e aprenderam como deveriam trabalhar com as técnicas do outro. Mais uma vez, nota-se que houve uma permuta de conhecimento entre os dois povos, pois ao contrário do que diz uma historiografia tradicional, os colonizadores europeus não se adaptaram de imediato as novas condições a que estavam inseridos, pois encontraram dificuldades no que diz respeito à obtenção de alimentos e a adaptação ao clima tropical, e tão pouco, impuseram integralmente aos indígenas seus modos e usos culturais, técnicos e tecnológicos.

Assim a construção de um cotidiano na América Portuguesa, que pudesse proporcionar àqueles colonizadores condições de desenvolver uma economia extrativista rentável, dependia de uma série de fatores ligados à sobrevivência dos mesmos.

De fato, a empresa da colonização nem sempre pode ser descrita como tendo sido uma tarefa fácil. As dificuldades impostas pelas condições biogeográficas ao colonizador eram de fato relevantes. A minuciosidade das descrições e classificações dos animais e plantas feitas pelos primeiros colonizadores, demonstra a necessidade de se obter todo o conhecimento possível sobre aquele ecossistema. As questões de caráter climático e biogeográfico (DIAMOND, 2008) <sup>4</sup>, portanto, devem ser consideradas pela historiografia, no referente ao estudo do estabelecimento inicial dos colonizadores no litoral da América portuguesa.

Quando analisamos o processo envolvendo a fixação dos europeus ibéricos na América durante o século XVI, é relevante pensar na dificuldade em se obter alimentos, sejam eles de ambiente marinho ou não, afinal, aqueles colonizadores estavam submetidos a um ambiente totalmente novo, com abundância de animais de caça e pesca, porém, não possuíam, em um primeiro momento, as técnicas e tecnologias necessárias para obter tais fontes de proteína e gordura de origem animal. Por isso, tornou-se primordial para aqueles homens o contato com os costumes e técnicas dos indígenas no que diz respeito ao apresamento dos animais e o processamento do alimento.

Torna-se claro, portanto, que pensar a colonização portuguesa no século XVI, a partir do estudo dos processos de obtenção de alimentos e os hábitos alimentares que os colonizadores lusos desenvolveram no Novo Mundo, constitui uma importante fonte de contribuição à análise dos problemas levantados pelos historiadores do período. A partir desta perspectiva, pode-se avançar na compreensão da História da colonização da América portuguesa.

### Referências Bibliográficas

- ANCHIETA, José de. *Cartas: Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1988.
- AZPILCUETA, João de. *Cartas Avulsas: Carta do Padre João de Azpilcueta escripta de Porto Seguro a 24 de Junho de 1555*. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1988.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora FTD, 1995.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2008.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.
- CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. *Comentários*. Curitiba: Farol do Saber, 1995.
- CARDIM, Pe. Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- CARNEIRO, Henrique S. *Comida e Sociedade: Significados Sociais na História da Alimentação*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005. Editora UFPR.
- CASCUDO, Luis da Camara. *História da alimentação no Brasil* – Ed. Nacional ( 2 vol) fev. 1963), 1967, (col. Brasiliense 322 e 323) – 2ª ed. Itatiaia, 1983
- CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L & PM Editores, 1985.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COSTA, Manuel Fernandes. *O descobrimento da América e o Tratado de Tordesilhas*. Lisboa: Instituto de Cultura portuguesa, 1980.

CROSBY, Alfred. **Imperialismo ecológico**: A expansão biológica da Europa 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DIAMOND, Jared. *Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

FERNANDES, Balthazar. *Cartas Avulsas*: Carta de Balthazar Fenandes, do Brasil, da Capitania de S. Vicente de Piratininga aos 5 de Dezembro de 1567.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas - Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GANDAVO, Pero de Magalhães. *História da Província Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Ed. Obelisco, 1963.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Editora Universidade de Brasília, 1963.

KURLANSKY, Mark. *A grande ostra: cultura, história e culinária de Nova York*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército - editora, 1961.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento Selvagem*. Campinas: Editora Papirus, 1989.

MACEDO, Sérgio. *A História do Brasil*. Rio de Janeiro: Tecnoprint gráfica S.A. 1973.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *A Alimentação e seu lugar na História: Os Tempos da Memória Gustativa*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 42, p. 11-31, 2005. Editora UFPR.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil*. São Paulo: Brasiliana, 1971.

STADEN, Hans. *Duas Viagens ao Brasil*. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1974.

---

<sup>1</sup> Graduada em História, pela Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente no seguinte tema: América Portuguesa, século XVI, História das Ciências com ênfase em História da Alimentação. Atualmente aluna do programa de pós graduação (Mestrado), na Universidade Estadual de Maringá e integrante do Laboratório de História Ciências e Ambiente.

<sup>2</sup> “A troca cultural nas colônias espanholas e portuguesas na América não se deu em pé de igualdade. A iniciativa esteve geralmente com os emprestadores, mesmo que seja possível perceber exemplos do que tem sido descrito como “aculturação inversa” em alguns domínios, já que os colonizadores gradualmente adotaram elementos da cultura nativa, do tabaco à rede” (BURKE, 2006: 66).

<sup>3</sup> “O espaço das analogias é, no fundo, um espaço de irradiação. Por todos os lados, o homem é por ele envolvido; mas esse mesmo homem, inversamente, transmite as semelhanças que recebe do mundo. Ele é o

---

grande fulcro das proporções – o centro onde as relações vêm se apoiar e donde são novamente refletidas.” (FOUCAULT, 2000: 39).

<sup>4</sup> Neste ponto, torna-se necessário compreendermos algumas consequências morfoclimáticas inerentes ao processo de deslocamento dos colonizadores europeus durante a Modernidade. Quando as naus portuguesas aportaram nas costas da América Portuguesa estas não haviam somente cruzado o Atlântico no sentido Leste-Oeste, mas também no sentido Norte-Sul. Tal informação, obviamente, não nos aponta somente o rumo seguido pelas embarcações lusas. Pois, principalmente durante o descolamento no sentido Norte-Sul, os colonizadores depararam-se com uma variedade muito maior de características físicas, bem como um espectro, relativo ao tempo e a intensidade de incidência solar mais ampla. Lembremo-nos, portanto, que à medida que os europeus deslocaram-se, em sua expansão marítima no sentido longitudinal em relação ao globo, encontraram uma ampla diversidade climática, biogeográfica que, em muito, influi nos ciclos de plantio, colheita e criação de plantas e animais domésticos. (DIAMOND, 2008).